

CONCEITOS BÁSICOS DA LINGÜÍSTICA DAS LINGUAGENS ESPECIALIZADAS¹

Lothar Hoffmann²

Tradução: Maria José Bocorny Finatto³

Revisão: Cleci Regina Bevilacqua⁴

0 -

Ao longo dos últimos 20 anos, a ênfase da lingüística das linguagens especializadas⁵ sofreu um claro deslocamento. No início, a atenção se concentrava quase que exclusivamente sobre o vocabulário especializado e sobre a terminologia. Mais tarde, deslocou-se principalmente em direção à sua sintaxe. Atualmente, o seu interesse se dirige cada vez mais para o texto especializado, entendido como uma totalidade funcional e estrutural.

Essa evolução, que é um processo natural, também ocorreu em todos os âmbitos dos Estudos da Linguagem, mas tem estado especialmente estimulada pela relação com as linguagens especializadas. Noutras oportunidades, já tratamos dessa problemática⁶ e, por isso, gostaríamos

¹ Traduzido com a permissão específica do autor para a tradutora e para esta publicação a partir do texto em alemão: "Grundbegriffe der Fachsprachenlinguistik", texto que já foi publicado em *Germanistisches Jahrbuch für Nordeuropa*, Siebente Folge. Helsinki, Estocolm. 9-16. Deutsche Fachsprachen in Forschung und Lehre, 1988.

² Professor Catedrático em Lingüística Aplicada junto ao Instituto de Línguas Estrangeiras da Universidade de Leipzig de 1967 até 1993.

³ Docente do Setor de Língua Portuguesa do Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas, Instituto de Letras, UFRGS. A tradução contou com a colaboração de Ulla Pedde Muss, formanda do curso de Bacharelado em Letras – Tradução, Instituto de Letras, UFRGS.

⁴ Docente do Instituto de Letras, UFRGS.

⁵ N. de T.: O nome "lingüística das linguagens especializadas" recorrente neste texto, na nossa opinião, corresponde hoje ao termo **Terminologia**, designando a disciplina que, atualmente mais integrada à Lingüística Aplicada, ocupa-se do estudo das linguagens especializadas sob uma perspectiva lingüística.

⁶ HOFFMANN, Lothar. (1984): *Kommunikationsmittel Fachsprache*. [Linguagem Especializada Meio de Comunicação:] 2., überarb. Aufl., Berlin 1984. HOFFMANN, L. (1982) *Probleme und Methoden der Fachsprachenforschung*. [Problemas e Métodos da Pesquisa sobre Linguagens Especializadas] In: *Wiss. Zs. Der Karl-Marx-Univ. Leipzig. Gesellschafts- und sprachwiss. Reihe* 31 (1982) 1, p.25-34. HOFFMANN, L. (1985): *Vom Fachwortschatz zum Fachtext*. [Do Vocabulário Especializado ao Texto Especializado] In: *Wiss. Zs. Der Pädagogischen Hochschule Zwickau* 21 (1985) 1, p.117-121.

de trazer aqui, sob um novo ponto de vista, apenas alguns conceitos básicos da lingüística das linguagens especializadas, de modo que se possam apreciar os progressos alcançados durante esses últimos vinte anos. Esses conceitos são *sublinguagem*, *linguagem especializada*, *vocabulário especializado*, *terminologia* e *texto especializado*.

1-

Linguagens especializadas são *sublinguagens*, mas nem todas as sublinguagens são linguagens especializadas. Uma *sublinguagem* é um sistema parcial ou um subsistema da linguagem que se atualiza nos textos dos âmbitos comunicativos especializados. Pode-se também dizer: a sublinguagem é um recorte de elementos lingüísticos e de suas relações estabelecidas em textos de uma temática delimitada. A subdivisão da linguagem global em sublinguagens não parte – conforme a teoria dos estilos funcionais – da intenção comunicativa ou da finalidade de ação comunicativa, mas sim do conteúdo ou do tema da comunicação. Com a ajuda desse critério, pode-se corresponder a cada texto um âmbito temático ou comunicativo determinado e, portanto, uma sublinguagem determinada.

Como não há uma classificação absoluta que permita recorrer a outros critérios além do conteúdo ou da temática, não se pode afirmar com segurança quantas sublinguagens teria uma linguagem (segundo algumas concepções, os dialetos e os socioletos seriam considerados sublinguagens). Do mesmo modo, há incerteza sobre a inclusão de textos artísticos e de textos de publicidade em algumas sublinguagens concretas. Por isso, o conceito de sublinguagem se firmou, em primeiro lugar, nos âmbitos das temáticas de ciência, de técnicas e de produção industrial, âmbitos em que esse conceito se harmoniza com o conceito de linguagem especializada.

Uma *sublinguagem* não se caracteriza apenas pelo léxico, mas pela totalidade dos recursos lingüísticos que são utilizados nos seus textos. Uma parte desses recursos co-ocorrem em diversas sublinguagens, mas uma outra parte determina a especificidade da sublinguagem em questão. Esses recursos específicos perfazem uma base lingüística para o conceito de sublinguagem. Assim, essa especificidade se expressa geralmente por parâmetros quantitativos, isto é, pela frequência de determinadas manifestações lingüísticas (ADREEV 1967: 117-132; HOFFMANN 1984: 47-711; HOFFMANN, PIOTORVSKI 1979: 156-162; KOSOVSKIJ 1974: 175-180).

No ensino de línguas estrangeiras⁷, as especificidades das sublinguagens desempenham também um papel na medida em que contribuem para a seleção e estruturação do material didático-lingüístico por parte do professor.

2-

A definição de *linguagem especializada*, a seguir apresentada, em função de sua grande amplitude e aplicabilidade, tem sido confirmada em muitos âmbitos: é o conjunto de todos os recursos lingüísticos que são utilizados em um âmbito comunicativo, delimitado por uma especialidade, para garantir a compreensão entre as pessoas que nela trabalham. Esses recursos conformam, enquanto sublinguagem, uma parte do inventário total da língua. Na composição de textos especializados, sua seleção e estruturação estão determinadas tanto pelo conteúdo especializado quanto pela função ou finalidade comunicativa do enunciado, assim como também por uma série de outros fatores objetivos e subjetivos presentes no processo comunicativo.

A especificidade das linguagens especializadas, em relação à linguagem comum e às outras sublinguagens, se expressa mais claramente pelo léxico, que dizer, pelo vocabulário especializado ou pela terminologia, mas também pelo uso de determinadas categorias gramaticais, de construções sintáticas e de outras estruturas textuais. Há particularidades conhecidas na morfologia, grafia, na pronúncia e na classificação de seus signos gráficos. Portanto, determinadas interpretações feitas tempos atrás, como foi o caso de uma equivalência entre linguagem especializada e apenas a sua terminologia, não podiam dar conta da sua essência.

A especificidade das linguagens especializadas se expressa principalmente pela frequência de uso de determinados recursos lingüísticos, comprováveis com o auxílio de métodos de estatística lingüística. Como resultados concretos da aplicação desses métodos, para todo um amplo leque de especialidades, temos dicionários de frequência de uso e outros tipos de listas de frequência, como também repertórios de indicadores de produtividade lexical.

No âmbito de áreas de comunicação, a diferenciação de linguagens especializadas entre si e frente a outras sublinguagens pode resultar uma divisão horizontal. Temos, assim, uma classificação aberta, na qual as linguagens especializadas aparecem ordenadas segundo um grau de

⁷ N.T.: Trata-se aqui muito provavelmente de *ensino de línguas estrangeiras instrumentais*, daí porque passamos a inserir o adjetivo “instrumental” nas menções seguintes.

coincidência de uso de determinados recursos lingüísticos. Da comparação de fronteiras de diferentes linguagens especializadas entre si e frente a outras sublinguagens, temos como resultado uma tripartição que pode ser aproveitada no ensino de línguas estrangeiras instrumentais e que, concretamente, pode facilitar a aprendizagem de um léxico mínimo:

a) há determinados recursos lingüísticos que aparecem em todas as sublinguagens (por exemplo, o vocabulário da língua comum);

b) há recursos lingüísticos que aparecem em todas as linguagens especializadas (por exemplo, o vocabulário científico geral);

c) há recursos lingüísticos que aparecem apenas em uma determinada linguagem especializada (por exemplo, o vocabulário específico de uma especialidade).

Esse desdobramento horizontal, entretanto, não conduz à percepção de quantas linguagens especializadas haveria. Seu número corresponde, praticamente, ao número de todos campos de especialidade existentes. E, naturalmente, o número de campos aumenta continuamente por causa do progresso científico-técnico; estando cada um deles submetido à dialética de integração e de diferenciação.

Em uma fase inicial, a atenção da lingüística das linguagens especializadas vai se concentrar sobre às ciências naturais (Física, Química, Matemática, etc.), depois vai estender-se às ciências aplicadas (Medicina, Zootecnia, etc.) e às disciplinas técnicas (Construção de Maquinários, Eletrotécnica, etc.). Mais recentemente, também são estudadas ciências como Filosofia, Economia Social, Pedagogia, entre outras, e já se começa a prestar mais atenção aos âmbitos da produção material industrial, que haviam sido descuidados. A análise dos textos escritos, entretanto, ainda predomina em relação à análise de textos orais.

A maior parte das linguagens especializadas se presta a uma estratificação vertical. Os critérios para a determinação de seus diferentes estratos são:

- a) o nível de abstração;
- b) a conformação da língua;
- c) o entorno social;
- d) os participantes da comunicação, etc.

A consideração desses critérios comporta um número variado de estratos e substratos para cada linguagem especializada, critérios que também podem ser atingidos pela condição de determinados tipos textuais, tal como seria o caso de uma publicação periódica, de uma patente de registro, de uma instrução de uso, etc.

Numa visão sociolingüística, as linguagens especializadas são linguagens de um grupo ou linguagens especiais (socioletos), as quais estão

caracterizadas por usos lingüísticos de determinados grupos profissionais e, portanto, também constituídas por estratos sociais. A estilística lhes atribui determinados estilos funcionais, por exemplo, o estilo científico (objetivo) ou o estilo prático-objetivo. Embora em alguns casos as linguagens especializadas apresentem muitos signos especiais (símbolos, fórmulas, etc.), não são linguagens artificiais; são linguagens naturais.

As linguagens especializadas se formam e se desenvolvem no processo de divisão do trabalho, como conseqüência da evolução contínua das forças produtivas e dos processos de produção, mas também em função dos progressos no pensamento teórico abstrato⁸. A lingüística das linguagens especializadas proporciona uma das justificativas mais essenciais a favor da necessidade de que haja formação específica em linguagens especializadas e, ao mesmo tempo, ela disponibiliza o material lingüístico para esse tipo de formação.

3-

Ao *vocabulário especializado*, num sentido amplo, pertencem as unidades lexicais das linguagens especializadas, já que essas unidades contribuem para a comunicação especializada de uma maneira direta ou indireta. De outro lado, o vocabulário especializado, num sentido mais estrito, compõe um subsistema do sistema léxico global, quer dizer, um subconjunto do vocabulário total de uma língua.

É usual investigar o vocabulário especializado por meio da comparação com o vocabulário geral ou pelas relações de intercâmbio mantidas entre ambos. Para tanto, são tratados com destaque os processos de restrição ou ampliação semântica, as manifestações de polissemia, homonímia e sinonímia, as estruturas e recursos para a formação de palavras, entre outros.

Apenas num direcionamento muito estreito, o vocabulário especializado e a terminologia se equivalem. Todavia, mesmo em meio a essa concepção, procura-se estabelecer diferenças entre: a) terminologia especializada e b) vocabulário especializado não terminológico; como também se procura distinguir entre: a) termos, b) semitermos e c) jargão especializado. Nesse processo, são reconhecidos como termos apenas as palavras cujo conteúdo seja determinado por meio de uma definição normativa; de outro lado, os semi-termos não estão definidos em normas,

⁸ Essas relações estão representadas de um modo mais desenvolvido em Drozd, Seibicke 1973; 1979; Fluck 1985; Gläser 1979; Hahn 1983; Hoffmann 1984; 1987; Kocourek 1982; Mitrofanova 1973; Möhn, Pelka 1984; Reinhardt 1978; Sager, 1980.

mas são bastante precisos em descrição e denotação. O jargão especializado, por sua vez, não exige precisão.

As unidades léxicas contidas em um texto especializado podem ser divididas, assim, em três grupos: as gerais, as científicas gerais e as de vocabulário especializado, que inclui também a terminologia. Para determinar o vocabulário especializado e agrupá-lo em listas ou dicionários, pode-se seguir três caminhos: a) a coleta puramente empírica; b) a compilação sistemática e c) as análises estatísticas dos textos especializados. O vocabulário geral científico é uma espécie de média entre os vocabulários especializados.

No vocabulário especializado, predominam substantivos e adjetivos em relação aos verbos e às outras classes de palavras, pois é preciso designar a multiplicidade de objetos e manifestações, objetos da atividade especializada. Substantivos e adjetivos integram um conjunto de palavras que, em média, corresponde a 60% do léxico de um texto especializado. No cômputo da terminologia, é usual considerar apenas substantivos, em alguns casos também os adjetivos que os qualificam, ainda que já se tenha observado uma tendência à terminologização também nos verbos.

Do mesmo modo que a terminologia, o vocabulário especializado vai constantemente se abastecendo de: a) empréstimos; b) decalques; c) metáforas e metonímias; d) restrição e ampliação de definições; e, e) de processos para a formação de palavras. Esse vocabulário é pleno de internacionalismos e contém um grande número de denominações complexas (sintagmas), como também apresenta muitas abreviaturas. As características de qualidade que valem para o termo (referência à especialidade, conceitualização, exatidão, clareza, univocidade, concisão, etc.) aplicam-se menos estritamente nos casos de abreviaturas⁹.

Numa formação lingüística por especializações, uma grande parte do estudo sobre o léxico é dedicado ao vocabulário especializado. Nesse sentido, pode-se observar, de um modo especial, a necessidade de sistematização, já que a organização da especialidade favorece à ordenação em grupos temáticos ou em campos semânticos. Também é importante levar em conta as palavras comuns que, no ensino de línguas estrangeiras instrumentais, aparecem como sememas que não são próprios da especialidade. Quer dizer, com uma significação atual que não se vincula à especialidade, porque poderiam ensejar um tipo especial de *falsos cognatos*. A comunicação ou apropriação do vocabulário especializado não é o objetivo principal do ensino de línguas estrangeiras instrumentais, mas,

⁹ Sobre esse assunto, compare as concepções na bibliografia que foi citada na nota anterior.

antes disso, é uma parte integrante da evolução da competência comunicativa dos aprendizes.

4-

A *terminologia* é o conjunto de todos os termos de um sistema claramente perfilado no interior do sistema léxico global de uma língua. Ela é subdividida em (sub)subsistemas: vemos as terminologias de cada um dos âmbitos especializados, técnicos e científicos. Ocasionalmente, também encontramos referência a um estrato especial do vocabulário que se diferencia do vocabulário restante por características de qualidade como as antes mencionadas. O caráter sistemático da terminologia, partindo-se de um ponto de vista do léxico global, é difícil de reconhecer. Por isso, nos trabalhos terminológicos, predomina a pesquisa de domínios especializados bem particularizados (por ex. Eletrotécnica, Objetos Militares, Psicologia, etc.), nos quais se aprecia a construção e função da terminologia como um sistema de denominações para um sistema de conceitos especializados.

A terminologia é um dos traços mais claramente diferenciadores das linguagens especializadas, embora não o único. Todavia, muitas vezes não percebemos que isso nos tem conduzido a uma equiparação entre conceitos, terminologia e linguagem especializada. No âmbito dessa tripartição usual, a terminologia pertence ao vocabulário especializado.

A terminologia não se diferencia fundamentalmente do restante do léxico quanto à formação de palavras e à mudança de significado, quer dizer, ela pertence à língua natural, pelo que podemos dizer que é igualmente flexível à intervenção modificadora e ordenadora da humanidade. A homogeneidade e a estabilidade da terminologia são tópicos de interesse de uma comunicação especializada efetiva ou otimizada. Por isso, o trabalho terminológico levado a cabo por organizações e instituições nacionais¹⁰ e internacionais¹¹ intervém sobre a conformação da terminologia frente a toda uma produção e desenvolvimento que lhe são espontâneos.

¹⁰ ISO= International Organisation for Standardization (Viena); INFOTERM= International Information Centre for Terminology (Viena).

¹¹ GOSSTANDART= Gosudarstvennyi Standard (URSS); BSI= British Standards Institution; ASA= American Standards Association (USA); AFNOR= Association Française de Normalisation (França); GIRSTERM= Groupe Interdisciplinaire de Recherche Scientifique et Appliquée en Terminologie (Canadá); DIN= Deutsche Industrie-Norm (Alemanha Ocidental); GfS= Gesellschaft für Standardisierung [Sociedade para Normatização] (Alemanha Oriental); ASMW= Amt für Standardisierung, Messwesen und Warenprüfung [Departamento para normatização, pesos e medidas e testagem de produtos] (Alemanha Oriental).

O trabalho terminológico concentra-se, em primeiro lugar, na clareza do conceito, na sua delimitação de conteúdo e de abrangência, como também na correspondência entre um conceito e um signo lingüístico. Além disso, também dedica grande atenção às relações entre unidades de cada sistema conceitual, no que têm especial destaque as relações hierárquicas (relações de abstração e partitivas), mas também outros tipos de relações conceituais, como as de gênero-espécie, as funcionais, causais, de instrumentalidade, etc.

Uma outra finalidade importante do trabalho terminológico é a determinação, divisão e organização das características conceituais essenciais, que, mais tarde, desempenham um papel decisivo na definição de conceitos. Neste sentido, surgem questionamentos lingüísticos principalmente sobre a formulação da definição, mas também em relação à denominação de um conceito que é definido por meio de uma escolha de recursos lingüísticos que caracterizam seus traços distintivos.

A normatização terminológica mostra claramente o desejo de interferir de uma maneira reguladora sobre as relações entre sistemas conceituais e sistemas terminológicos e o desejo de uma configuração consciente das terminologias. A intenção da normatização terminológica é otimizar a comunicação especializada, eliminar mal-entendidos e, desse modo, garantir uma segurança maior na comunicação entre os especialistas. Essa intenção se traduz em três ações: a) alteração da língua; b) a unificação e c) a implantação.

Os organismos e instituições nela envolvidos, de modo geral, trabalham para a implantação de suas propostas por meio de normas, diretrizes e recomendações. As terminologias normatizadas aparecem definidas – com equivalentes nas línguas mais importantes (russo, inglês, francês e alemão) – em um tipo determinado de dicionários (dicionários normativos), ordenados conceitualmente e/ou alfabeticamente, podendo estar acompanhados de ilustrações e imagens.

O trabalho terminológico não é executado apenas no âmbito de Estados ou de línguas nacionais determinadas. A partir dele, também podem ser realizadas três modalidades principais de trabalho: a) a padronização das terminologias existentes; b) a criação de novas terminologias nacionais e c) a harmonização de umas com as outras, quer dizer, fazendo-se o trabalho terminológico internacional.

Há todo um esforço para refrear diferenciações terminológicas nacionais, o que se realiza por meio de cinco ações que visam restringir: a) a incongruência entre faixas de conceito e sistemas conceituais; b) as divergências na descrição de conceitos ou ilustrações; c) os desvios na formulação de denominações, especialmente na escrita; d) as diferenciações

internas; e, e) a utilização de diferentes signos lingüísticos. Como resultado da associação com o trabalho terminológico internacional é que surgiram as bases de uma teoria Geral da Terminologia.

O trabalho terminológico é geralmente compreendido como uma parte da lingüística da linguagem especializada, mas na verdade ele se ocupa apenas de um núcleo das linguagens especializadas – se ocupa da terminologia. Esse trabalho se situa num lugar bastante específico, sobretudo porque, em grande parte, nele não estão envolvidos lingüistas, mas apenas engenheiros e técnicos. Essa situação ainda deverá se prolongar enquanto não haja condições favoráveis para a lingüística da linguagem especializada nessas instituições. Na verdade, a lingüística poderia alcançar grandes progressos com a cooperação ativa dos usuários competentes das linguagens especializadas¹².

Para o ensino de línguas estrangeiras instrumentais, a terminologia oferece um componente essencial do vocabulário especializado e chama a atenção, com destaque, para o papel do léxico. Destacam-se os modelos de produtividade lexical e recursos para a formação de palavras. Além disso, também permite uma relação ativa entre o lingüista e o especialista.

5-

O *texto especializado* é instrumento e, ao mesmo tempo, resultado da atividade comunicativa exercida em relação a uma atividade especializada sócio-produtiva. Compõe uma unidade estrutural e funcional (um todo) formado por um conjunto finito e ordenado de orações sintática, semântica e pragmaticamente coerentes (textema¹³) ou por unidades de valor frasal que correspondem, na condição de signos lingüísticos complexos, a enunciados complexos do conhecimento humano e a circunstâncias complexas da realidade objetiva.

Como qualquer outro texto, o texto especializado se caracteriza por um mínimo de sete características que conformam um padrão: a) coesão; b) coerência; c) intencionalidade; d) aceitabilidade; e) informatividade; f) situacionalidade; g) intertextualidade (BEAUGRANDE; DRESSLER 1981, p.3-11). Esse texto se (per-)faz por uma estrutura comunicativa complexa

¹² Posição semelhante pode ser encontrada em Bausch et al 1976; Danilenko, 1977; Felber, Lang, Wersig (orgs.), 1979; Kandelaki, 1977, Neubert et al. 1984; Rondeau 1981, Wüster, 1970 e 1979.

¹³ N.T.: O termo *textema* parece ser uma analogia com a nomenclatura da semântica estrutural que inclui designações como *lexema*, *semema*, etc. O autor usa esse mesmo termo no artigo *Fachsprachen als Subsprachen* (HOFFMANN, 1998) e o caracteriza como “conjunto finito e ordenado de unidades com valor de frase”.

na qual interferem, como fatores decisivos, o autor e seus objetivos de comunicação e a estratégia de comunicação daí derivada, assim como sua expectativa em relação à reação por parte do destinatário do texto. Ambos, autor e destinatário, estão envolvidos em uma relação que pode ser diferenciada, mas que é antes de tudo orientada pelo sistema (parcial) da língua materna ou de uma língua estrangeira utilizada em um texto, assim como é orientada por um âmbito da realidade objetiva (o conteúdo) tratado no texto. Em uma situação dada, eles se comunicam por meio de relações extralingüísticas (GÜLICH; RAIBLE, 1977).

O texto especializado, em função das elevadas exigências de precisão de sua informação, distingue-se por particularidades de sua macroestrutura (articulação), por relações de coerência entre seus elementos e pela utilização de unidades sintáticas, lexicais, morfológicas e gráfico-fonéticas. Isso se realiza de modo variado para cada tipo de texto, por exemplo, manuais acadêmicos, pareceres, artigos de periódicos, orientações práticas, resenhas, resumos, escrituras de patente, contratos, boletins médicos, indicações de uso, determinações de segurança do trabalho, etc. (HOFFMANN, 1984). No conceito de texto especializado, assim, se incluem não somente informações impressas ou escritas, mas também informações orais, diálogos e discussões, entre outros.

Na visão comunicativa, o texto é o signo lingüístico primário, isto é, sob condições normais, a linguagem se realiza apenas por meio de textos. E isso vale também para o texto especializado. Por isso, deve o texto, e não a palavra ou a frase, figurar como ponto central do estudo sobre linguagens especializadas. O que são lidos, traduzidos, resumidos e trabalhados de diferentes modos são os textos. Todas as outras unidades lingüísticas devem ser vistas como seus constituintes, como elementos que mantêm relações diferenciadas entre si, sem as quais a textualidade não se constitui verdadeiramente.

No deslocamento da ênfase da lingüística das linguagens especializadas, em função de um interesse crescente pela dimensão da oração, não significa que o léxico deva ser esquecido ou que o trabalho com o texto possa tornar supérfluas as análises sintáticas. A pesquisa sobre terminologias especializadas e sobre as construções sintáticas continua sendo necessária e produtiva. Isso, ao contrário de atrapalhar, tornará mais fácil que essa lingüística esteja em condição de classificar seu objeto em contextos mais amplos. Em outras palavras, cada uma das unidades lingüísticas serão consideradas, de um modo mais acentuado, como constituintes de fenômenos relacionados a um nível ou níveis mais altos. Desse modo, por exemplo, na divisão da oração em partes, o termo aparece como integrante do tema e do rema na articulação da frase ou como

elemento que integra a cadeia isotópica do texto. O encadeamento de uma oração seria explicado a partir da união de várias orações em unidades transfrásticas ou em textos parciais, etc.

É no todo do texto que se pode melhor explicar o uso lingüístico especializado, a preferência por determinados recursos lingüísticos, como também interpretações funcionais e valores comunicativos. É com a consideração desse todo que a lingüística das linguagens especializadas deixou finalmente a fase de observar apenas “particularidades” entre diferentes sublinguagens. Sua postura agora privilegia “linguagens especializadas em funcionamento” (KALVERKÄMPER, 1983).

Referências Bibliográficas:

- ANDREEV, N.D. *Statistiko-kombinatornye metody vo teoreticeskom I prikladom jazykovedenii*. Leningrad 1967. p.117-132.
- BAUSCH, Karl-Heinz; SCHEWE, W.; SPIEGEL, Heinz-Rudi. *Fachsprachen. Terminologie – Struktur – Normung*. Berlin/Köln, 1976.
- BEAUGRANDE, R. de; DRESSLER, W. *Introduction to Text Linguistics*. London/New York, 1981.
- DANILENKO, V.P. *Russkaja terminologija. Opyt lingvisticskogo opisanija*. Moskva, 1977.
- DROZD, L.; SEIBICKE, W. *Deutsche Fach- und Wissenschaftssprache*. Wiesbaden 1973.
- FELBER, H. LANG, WERSIG, G. (eds.) *Terminologie als angewandte Sprachwissenschaft*. München/New York/London/Paris: 1979.
- FACHSPRACHE. *Internationale Zeitschrift für Fachsprachenforschung, -didaktik und Terminologie*. Wien 1979 ff.
- FLUCK, Hans-Rüdiger. *Fachsprachen, Einführung und Bibliographie*. 3., aktualisierte u. erweiterte Aufl., Tübingen 1985.
- GLÄSER, Rosemarie. *Fachstile des Englischen*. Leipzig, 1979.
- GÜLICH, Elisabeth; RAIBLE, W. *Linguistische Textmodelle. Grundlagen und Möglichkeiten*. München, 1977.
- HAHN, Walter von. *Fachkommunikation. Entwicklung – Linguistische Konzepte – Betriebliche Beispiele*. Berlin/New York, 1983.
- HOFFMANN, L. (org). *Sprache in Wissenschaft und Technik*. Leipzig, 1978.
- HOFFMANN, L. (1982) Probleme und Methoden der Fachsprachenforschung. In: *Wiss. Zs. der Karl-Marx- Univ. Leipzig. Gesellschafts- und prachwiss. Reihe* 31 (1982) 1. p. 25-34.

- HOFFMANN, L. (1984) *Kommunikationsmittel Fachsprache*. 2. überarb. Aufl., Berlin 1984.
- HOFFMANN, L. (1985) Vom Fachwortschatz zum Fachtext. In: *Wiss. Zs. Der Pädagogischen Hochschule Zwickwau* 21 (1985) 1. p. 117-121.
- HOFFMANN, L. (org). *Fachsprachen, Instrument und Objekt*. Leipzig, 1987.
- HOFFMANN, L. (1998) Fachsprachen als Subsprachen. In: HOFFMANN, L.; KALVERKÄMPER, H.; WIEGAND, H.E. (eds.). *Languages for Special Purposes. An international Handbook for Special-Language and Terminology Research*. Vol.1, 1998. p.189-199.
- HOFFMANN, L.; PIOTROWSKI, R.G. *Beiträge zur Sprachstatistik*. Leipzig 1979. p. 156-162
- KANDELAKI, T.L. *Sematika I motivirovannost terminov*. Moskva, 1977.
- KALVERKÄMPER, H. Textuelle Fachsprachen-Linguistik als Aufgabe. In: *LiLi. Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik* 51/52 (1983). p.124-166.
- KOCOUREK, R. *La langue française de la technique et de la science*. Wiesbaden, 1982.
- KOSOVSKIJ, B.I. *Obščee jazыkoznanie*. Minsk, 1974.
- NEUBERT, G. et. al. *Das deutsche Fachwort der Technik. Bildungselemente und Muster*. Leipzig, 1984.
- MITROFANOVA, O.D. *Jazyknaueno-techniceskoj literatury*. Moskva, 1973.
- MÖHN, D.; PELKA, R. *Fachsprachen. Eine Einführung*. Tübingen, 1984.
- REINHARDT, W. (org). *Deutsche Fachsprache der Technik*. 2. Aufl., Leipzig, 1978.
- RONDEAU, G. *Introduction á la terminologie*. Montreal, 1981.
- SAGER, J.C; MCDONALD, P. F. *English Special Languages*. Wiesbaden, 1980.
- Terminologie und benachbarte Gebiete*. Wien, Köln e Graz; INFOTERM, 1985.
- WÜSTER, Eugen. *Internationale Sprachnormung der Technik, besonders in der Elektrotechnik*. 3. Aufl., Bonn, 1970.
- WÜSTER, Eugen. *Einführung in die allgemeine Terminologielehre und die terminologische Lexikographie*. Wien/New York, 1979.

FORMAS DE REPRESENTAÇÃO NA TERMINOLOGIA¹

Heribert Picht² e Christer Laurén³
 Tradução: Ulla Maria Pedde Muss
 Revisão: Maria José Bocorny Finatto

Hoje em dia, quando se fala, em Terminologia, em formas de representação, associa-se o tema a uma divisão sintética, baseada em trabalhos recentes, entre formas lingüísticas tradicionais e outras igualmente conhecidas, as não-lingüísticas, para representação de objetos e de conceitos. Ambas, entretanto, apenas raramente têm sido simultaneamente inter-relacionadas no âmbito da Terminologia. A necessidade de se criar um quadro mais amplo para uma classificação útil de formas de representação do conhecimento resulta do reconhecimento de que um conceito ou um objeto pode ser representado, em princípio, de duas maneiras diferentes: de maneira lingüística e não-lingüística. Nesse âmbito, um enfoque semiótico, que é mais abrangente, tem sido acolhido pelo aparato conceitual de alguns trabalhos teóricos de Terminologia.

Uma análise da literatura recente permite estabelecer o seguinte panorama:

Formas de representação para objetos e conceitos

<i>Lingüísticas</i>	<i>Não-lingüísticas</i>
Nome próprio	Fotografia
Denominação	Imagem em perspectiva
Paráfrase	Desenhos de diferentes tipos
Fórmula/símbolo	grafos
Fraseologia especializada	pictograma
Definição	notação
Explicação	Fórmula/símbolo
Descrição	

¹ Publicado originalmente no *IITF Journal*, Vol 13 (2002), nº 1-2. p.42-51 Vienna/ Austria (contributions to the 13th European Symposium on Language for Special Purposes in Vasa, Finland, August 2001) sob o título *Repräsentationsformen in der Terminologie*. Traduzido com autorização especial dos autores para esta publicação. Tradução: Ulla Marisa Pedde Muss. Supervisão da tradução: Profa. Hedy Lorraine Hofmann. Revisão final de língua portuguesa: Maria José Bocorny. Finatto.

² Haldelsh.Ejskolen i KÆbenhavn, Dinamarca.

³ Vasa Universitet, Finlândia.